



...aberta ou fechada, uma janela sempre desperta a curiosidade de descobrir o que está do outro lado...



...aberta ou fechada, uma janela sempre desperta a curiosidade de descobrir o que está do outro lado. Impõe uma barreira que nos desperta a consciência de dois espaços: um interior; outro exterior. Na tradição da pintura, é metáfora que figura o trânsito entre uma realidade projetada além do quadro e o mundo onde estamos. Por outro lado, as pinturas de Inna Cymlich Janse evidenciam um dilema que há entre uma realidade interior, do artista e outra, que alimenta essa, que é o mundo observado. Em algumas pinturas o contraste é intenso e a estrutura pesa sombria. Um espaço interiorizado aparece e uma passagem misteriosa se fecha. Saturadas, as camadas ansiosas de tinta, que tendem à anular a harmonia de cor, carregam a tela de matéria densa e expressiva de gestos da artista. A janela se fecha. E o que sobra de uma paisagem aparece em foco, iluminado, ou em frestas de luz, que rompem a continuidade da escuridão. A luminosidade se faz mais presente em outras. As cores são leves e transparentes. Ou só veladas por uma leve cortina de obras através da qual se vê o resquício de uma construção. O que está do outro lado então se revela, cuidadosamente observado, como um mundo a ser apropriado e fixado. Visto através de uma janela, o espaço da pintura se abre, projetando a paisagem em fragmentos para além das suas bordas. Suas pinturas são diretas, acabam resultando em grandes sínteses entre interiores e exteriores. Dispensam pequenos detalhamentos, mantendo a imagem ainda a meio caminho de conclusões, com grandes vãos livres para a nossa imaginação também os completar. Distanciando-se de discursos e de soluções prontas, procura conciliar a observação com o fazer da cor, tornando visível o que não pode ser dito nem fotografado, mas só pintado.